



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

## **“POR QUE DERRUBARAM AQUELA ESTÁTUA?” EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA EEEP PAULO VI DURANTE A PANDEMIA DE COVID 19.**

Liesly Oliveira Barbosa<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo analisar como o movimento de derrubada dos monumentos estatuários e bustos erigidos nos espaços públicos da cidade durante o ano de 2020 despertou o interesse dos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio da EEEP Paulo VI nas aulas de História e inspiraram o projeto de pesquisa defendido no Mestrado Profissional em Ensino de História na Universidade Federal do Ceará – PROFHISTÓRIA - UFC. É importante analisar como as estátuas e bustos podem contribuir para a aprendizagem histórica dos alunos na Educação Básica ao serem utilizados como fontes para a problematização dos objetos de conhecimento nas aulas de História. Nesse sentido, o trabalho com as esculturas públicas no ensino de História surge da necessidade de refletir sobre o papel dos monumentos estatuários como documentos, vestígios, evidências do passado, que permitem aos estudantes compreenderem a construção das narrativas oficiais nos espaços públicos das cidades, além de propiciar reflexões sobre memória individual e coletiva, identidade, pertencimento e empatia histórica nesses espaços. Além disso, a análise dos atos de rasura, realizados nos monumentos ao longo do tempo, também se fazem necessários pois ajudam os alunos a entendê-los como formas de expressão da sociedade em relação à memória celebrada nos mesmos. Diante do exposto, o trabalho com os monumentos nas aulas de História permite ao estudante analisar esse patrimônio como fruto de seu tempo e perceber que estes podem ser apropriados ou não pelos sujeitos do tempo presente, gerando significados e promovendo a sua preservação, o seu abandono ou destruição.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Educação Patrimonial; Monumentos estatuários.

Neste artigo importa analisar como as demandas do tempo presente, principalmente no que se refere ao movimento de derrubada de estátuas em várias cidades ao redor do mundo, no ano de 2020 e seguintes, despertaram o interesse dos alunos do terceiro ano do Ensino médio da Escola Estadual de Ensino Profissional Paulo VI, pelo patrimônio estatuário nas aulas de História e inspiraram o tema da pesquisa de Mestrado no Profhistória – UFC, intitulada Que estátua é essa?: Os

---

<sup>1</sup> Professora Mestra em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – UFC, bolsista Capes, professora da rede estadual de educação SEDUC-CE. Liesly01@gmail.com



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

monumentos estatuários e bustos como fontes para a problematização dos objetos de conhecimento nas aulas de História no Ensino Médio.

Em meio à pandemia de COVID – 19 fomos obrigados a manter o distanciamento social. Tendo o Brasil registrado seus primeiros casos em fevereiro de 2020, a suspensão das aulas presenciais foi uma medida tomada já em meados do mês de março. No início, tudo era ainda muito incerto. Deixamos a escola no dia 18 de março sem nenhuma ideia do que aconteceria. Nunca tínhamos vivido tal situação e muitos acreditavam que retornaríamos em algumas semanas.

Entretanto, nossas expectativas não se concretizaram e fomos obrigados a nos adequar aquela situação de crise, denominada por alguns como “novo normal”. Todavia não era possível perceber nenhuma normalidade naquele momento. Estávamos o tempo todo apavorados com a possibilidade de adoecermos ou de que nossos entes queridos contraíssem o vírus. O medo da morte pairava no ar, a distância dos parentes e amigos, a necessidade da reclusão doméstica, as notícias das perdas de familiares ou pessoas conhecidas nos abalava o psicológico e a ansiedade crescia a cada dia na medida em que os meses passavam em meio a tantas incertezas e desconhecimento.

Foi nesse cenário pandêmico que educadores e alunos precisaram se reinventar. As aulas presenciais já não eram mais possíveis e era necessário nos adequar à realidade. Nos primeiros dias de isolamento social disponibilizamos atividades remotas para os estudantes por meio das plataformas digitais disponíveis naquele momento e também por meio das redes sociais, sendo elas: as plataformas do professor e aluno online da SEDUC-CE, dos e-mails criados para cada turma, além dos grupos de Whatsapp e contatos via Instagram e Facebook. Nessas primeiras semanas ainda tínhamos a esperança de retornar em breve às aulas presenciais. Entretanto, o retorno não foi possível e se apresentava cada vez mais distante devido ao crescimento dos casos de pessoas infectadas e dos registros de óbitos no país.

Diante da impossibilidade de retorno a curto prazo, foi necessário encontrar novas estratégias para que o aprendizado dos alunos não fosse ainda mais prejudicado. Nesse sentido, acredito que o primeiro desafio enfrentado por uma grande parte dos professores tenha sido referente à falta de equipamentos tecnológicos em suas residências para a realização das aulas, tais como: notebooks, câmeras e suportes para



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

gravação, além da contratação de internet de banda larga que garantisse a boa qualidade da transmissão das aulas e dos objetos de conhecimento.

Entretanto, importa ressaltar que a falta desses equipamentos por parte dos alunos também impossibilitava a participação destes nas atividades propostas. Ademais, a falta de espaços apropriados para a realização das aulas nas residências dos professores e alunos pode ser considerada como um segundo grande desafio a ser remediado, na medida do possível, já que não eram exequíveis reformas e aquisições de espaços. Restava apenas a adequação destes locais para a participação na rotina escolar remota.

Diante destes problemas, o Governo do Estado do Ceará disponibilizou para os alunos chips com internet e providenciou a compra de tablets que foram distribuídos aos estudantes, como uma tentativa de tentar sanar em parte o problema de acesso dos alunos às aulas. Entretanto, não foram disponibilizados recursos para os professores, que tiveram de adquirir os equipamentos por conta própria. Importa ressaltar que ainda durante a pandemia foi votada e aprovada uma lei que previa a entrega de notebooks para os professores da SEDUC-CE, todavia, estes só começaram a ser entregues após o retorno das aulas presenciais, no ano de 2022.

O terceiro desafio diz respeito à falta de plataformas digitais educacionais adequadas para a continuação das aulas remotas. Um dos problemas se dava na impossibilidade de realização das aulas síncronas, pois os meios digitais disponíveis até aquele momento não nos permitiam realizá-las e para tentar amenizar o problema, utilizávamos dos recursos que possuíamos para oportunizar aos alunos alguma forma de aula expositiva dos objetos de conhecimento, já que não era possível a realização de aulas dialogadas ou aulas oficinas. Nesse sentido, os objetos de conhecimento eram ministrados por meio de aulas gravadas em vídeos, áudios gravados no whatsapp ou podcasts, além de slides com gravações de áudio, enviados via whatsapp ou enviados no e-mail das turmas.

Além disso, não havia um repositório adequado para o arquivamento dos materiais disponibilizados para os alunos e para o recebimento organizado e seguro das atividades propostas e realizadas por estes. Diante destes problemas, algumas medidas foram tomadas pela SEDUC – CE, como a aquisição do pacote corporativo do Google



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

Suite (G-suite), disponibilizando e-mails institucionais para professores e alunos, além de armazenamento no Drive, recursos editáveis compartilhados, como agendas e documentos, o Google Forms, muito utilizado na realização de questionários e avaliações, o Google Sala de Aula, principal recurso para a enturmação dos alunos, acesso aos objetos de conhecimento e realização das atividades e avaliações, além do Google Meet, a principal ferramenta para a realização e gravação das aulas síncronas.

Outro ponto ainda merece ser destacado e se refere à falta de capacitação de muitos professores para o trabalho com as competências digitais e dentre estes me incluo, já que não tinha domínio sobre muitas ferramentas educacionais digitais. Importa destacar que a pouca disponibilidade de computadores para o uso dos alunos na sala de informática e o pequeno número de computadores para o planejamento e formação continuada dos professores, não me encorajava à utilização de tais recursos, optando por produzir e utilizar documentos materiais, tais como: reprodução de imagens e documentos históricos, músicas, filmes e análise de objetos e slides para a realização das aulas.

Nesse sentido, a SEDUC-CE organizou e ofertou no segundo semestre do ano de 2020, cursos de formação continuada para os docentes da rede. O “Programa de Formação Continuada de Professores Itinerários Formativos – Competências digitais para a docência”, realizado em três níveis, sendo eles: Introdução, Apropriação e Intervenção, contou com carga horária de 150 horas. Entretanto o planejamento e a execução do curso realizada de forma aligeirada, contando com a utilização de materiais já disponibilizados na internet, apenas atenuou a falta de conhecimento e acesso dos professores aos meios digitais, que para terem maior domínio destes recursos precisaram buscar capacitações em outras formações continuadas.

Diante desta realidade, o núcleo gestor da EEEP Paulo VI, preocupado com os relatos de professores e alunos a respeito das dificuldades na realização das aulas síncronas, também buscou maneiras para atenuar as dificuldades dos professores em relação à utilização das ferramentas digitais aplicadas à educação. A estratégia utilizada se deu na forma de estudos coletivos que contavam com a participação dos professores das áreas do conhecimento e dos cursos técnicos. Para estes momentos foram selecionadas algumas ferramentas digitais que poderiam contribuir para aulas mais



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

dinâmicas e para um melhor aprendizado dos alunos. Estas foram distribuídas entre as áreas e foram determinadas datas para que cada grupo apresentasse aos demais colegas as possibilidades de utilização destas ferramentas nas aulas síncronas.

Solucionadas em parte as questões de acesso, outros fatores também interferiam na participação dos alunos e na realização das aulas, tais como os problemas socioemocionais, já citados anteriormente, além de problemas fora da gerência dos professores, como o carro de som anunciando as ofertas do supermercado do bairro ou o som do vizinho reproduzindo uma música no volume máximo, ou ainda as constantes quedas no fornecimento da internet. Pergunto-me se algum professor escapou da seguinte situação: ter a sua conexão com a internet interrompida e continuar ministrando a aula sozinho, vindo a descobrir o ocorrido somente quando a mesma foi restabelecida ou algum aluno entrou em contato para avisar.

Foi nesse cenário pandêmico e incerto que o tema da dissertação foi definido. Tendo pesquisado a respeito dos monumentos estatuários de Fortaleza e o Ensino de História no curso de Especialização em Metodologias do Ensino de História, realizado na Universidade Estadual do Ceará, apresentando como trabalho final a escrita da monografia “A História ao ar livre: Monumentos estatuários e o Ensino de História em praça pública”. Pretendia continuar a pesquisa também no mestrado. Todavia, não tinha certeza da relevância da continuidade da pesquisa hodiernamente e cogitava a mudança do tema.

Com a suspensão das aulas presenciais do ProfHistória, na Universidade Federal do Ceará, logo após a segunda semana de aula, no mês de março, teve início um período de interrupção nas atividades das disciplinas do mestrado, que somente foram retomadas quatro meses depois, no final do mês de julho. Logo no mês seguinte tiveram início as aulas do segundo semestre do calendário escolar de 2020 e iniciamos as aulas síncronas com os alunos que retornaram. Neste ponto importa salientar que muitos alunos estiveram evadidos durante o período das aulas remotas, sendo necessário o lançamento do Projeto Busca Ativa. Este projeto contou com o trabalho integrado entre a coordenação escolar, o Projeto Professor Diretor de Turma e a seleção de quatro alunos da escola para realizarem contatos com as famílias dos alunos afastados. Estes



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

contatos tinham por finalidade a sondagem da situação familiar dos estudantes e a tarefa de alertar aos responsáveis da necessidade do retorno dos alunos às atividades escolares.

Com o início das aulas síncronas, transmitidas pelo Google Meet, foi possível a realização de aulas dialogadas e a apresentação de fontes históricas para análises e debates. A partir deste momento o planejamento das aulas passou a envolver novamente a participação dos alunos presentes. Foi nesse contexto que o tema desta pesquisa foi definido. O fato se deu logo após o retorno das aulas no segundo semestre de 2020, durante uma aula de recomposição dos objetos de conhecimento para os alunos do 3º ano do Ensino Médio, com o tema do Patrimônio Cultural Brasileiro.

Durante a discussão do tema, os alunos iniciaram o debate mencionando o movimento de derrubada de estátuas que estava ocorrendo ao redor do mundo naquele momento. Uma grande parcela dos alunos estava a par dos eventos ocorridos, entretanto, muitos desconheciam os motivos de tais ataques, além de desconheciam a memória celebrada nos monumentos atacados. Diante do interesse dos alunos pelo tema, percebi a sua relevância e defini a temática desta pesquisa.

Segundo Santiago Júnior,

Entendo rapidamente que, mesmo que a estátua não fale, ela narra; mesmo que ela seja visível, ela apaga; que, se ela for removida, é como se fosse apagada, mas que seu apagamento é uma forma de narrar e visualizar o que antes era invisibilizado e silenciado; fica evidente, portanto, que se exercitava uma metáfora na qual as imagens eram atos/sujeitos ao olhar e à multivocalidade social. (SANTIAGO JÚNIOR, 2022, p. 237)

De acordo com o autor, os monumentos narram uma determinada história e celebram uma determinada memória por meio da sua estrutura física e simbólica, também destaca que mesmo sendo visível, ela apaga as memórias dos sujeitos e grupos que não estão nela representados. Todavia, a respeito do movimento iconoclasta na atualidade, o mesmo destaca que o ato de remoção ou derrubada trazia consigo além do apagamento físico, a visibilização das histórias e memórias antes silenciadas pela sua presença. Segundo David Freesberg,

Todo ato de censura, todo ato iconoclasta fornece pistas do uso social e da função das imagens. Nada ilustra mais claramente as dimensões sociais das imagens do que as histórias de iconoclastia e censura – e, mais particularmente, onde elas se encontram. Elas ilustram



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

poderosamente a junção entre o cultural e o político; mostram como o estético se torna mais social; e como o psicológico e o social se interseccionam em respostas motivadoras às imagens. A transformação de esforços de censura, mesmo que pequenos, em atos mais destrutivos de mutilação, dano e eliminação ilustra claramente como o medo das imagens e da arte conduz nossas relações com a cultura, complicando-as em cada estágio e, ocasionalmente, resolvendo. (FREEDBERG, 2021, p.24)

Por conseguinte, é possível perceber que as questões que envolveram o movimento iconoclasta recente e os motivos pelos quais os grupos sociais questionam a celebração do patrimônio estatutário oficial não se resumem apenas à permanência ou retirada destas estátuas e bustos dos espaços públicos. Portanto, a problematização destes monumentos é de suma importância para que possamos compreender o motivo pelos quais estes foram selecionados e erigidos em um determinado tempo e lugar. Assim como também, nos casos em que essas memórias forem traumáticas, podemos propor intervenções que questionem a permanência de tais memórias.

Nos meses que se seguiram ao retorno das aulas do segundo semestre, ainda de forma remota, por meio do Google Meet, não houve uma grande participação dos alunos nas aulas síncronas e por este motivo optei por realizar a gravação das aulas e a disponibilização destas no Google Sala de Aula, para o acesso posterior dos alunos que não conseguiram estar conectados no momento online. Nesse sentido, não havia como ter uma ideia real da quantidade de alunos que estavam tendo acesso aos materiais disponibilizados e quais destes alunos estavam desenvolvendo o conhecimento a respeito dos temas trabalhados. Tínhamos apenas uma ideia a esse respeito, a partir do acompanhamento da entrega das atividades postadas na plataforma. Entretanto, a respeito da avaliação das aprendizagens dos estudantes, foi possível perceber que muitos alunos utilizaram cópias de textos de sites da internet, mesmo tendo sido informados previamente, nas orientações das atividades, que este tipo de trabalho não seria aceito, já que a avaliação pretendia aferir o quanto o aluno tinha compreendido dos objetos de conhecimento trabalhados nas aulas e como seriam capazes de analisar e compor argumentos a seu respeito. Nesse sentido, o importante era saber se os estudantes seriam capazes de posicionar-se criticamente a respeito do objeto de conhecimento que estavam estudando.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Também importa destacar que no segundo semestre do ano de 2020, ainda tínhamos mais incertezas do que convicções a respeito da doença que estávamos enfrentando e o isolamento social ainda era uma das formas mais eficazes de conter a propagação do vírus. Portanto, não era possível a realização de aulas presenciais na escola ou nos lugares de memória. Em vista dessa realidade, decidi adiar as aulas de campo nas quais utilizaria os monumentos estatuários como fontes para o ano letivo seguinte, na esperança de que logo fosse possível um retorno presencial. Enquanto isso, nos estudos que se seguiram no programa de mestrado ProfHistória, tive acesso a vários livros, artigos acadêmicos, textos jornalísticos, vídeos reproduzidos nas redes sociais por canais especializados ou não, e imagens variadas, desde fotos a charges, retratando e discutindo as questões que envolviam o patrimônio estatuário público e o movimento iconoclasta. Foi a partir destas fontes e da definição do tema de pesquisa que pude iniciar o traçado do modelo de trabalho que desenvolveria na escola.

Com o início do ano letivo de 2021, o retorno esperado não se concretizou, pois a pandemia de Covid-19 ainda era uma realidade. Diante do exposto, houve a continuidade das aulas remotas e não foi possível iniciar a aplicação da proposta de metodologia que compõe essa pesquisa. Entretanto, trabalhamos a respeito do tema com as turmas de 3º ano discutindo sobre o patrimônio estatuário da cidade de Fortaleza.

No decorrer das discussões sobre a estatuária pública, uma frase proferida por um aluno me chamou a atenção. Ao citar a estátua do General Tibúrcio erigida na praça que leva a mesma denominação, mas que é popularmente conhecida por Praça dos Leões, um aluno questionou: - Que estátua é essa? Não era a primeira vez que ouvi relatos do desconhecimento dos alunos a respeito da estátua em questão, entretanto, naquele momento aquela frase foi relevante para perceber a importância do estudo acerca dos monumentos estatuários.

Após apresentar o monumento General Tibúrcio e debater um pouco sobre a memória a qual ele representa, segui o debate indagando aos demais alunos a respeito dos seus conhecimentos prévios acerca da cultura estatuária da cidade de Fortaleza e da memória por ela evocada. Nesta sondagem rápida foi possível perceber que uma grande parcela dos alunos desconhecia a maioria dos monumentos estatuários edificadas nos espaços públicos da cidade, ou dos bairros nos quais habitavam. Entretanto, alguns



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

sabiam da existência das esculturas dos leões, na Praça General Tibúrcio e das estátuas de Iracema, na Praia de Iracema e no Mucuripe. Segundo os próprios alunos, estes monumentos eram conhecidos pois os estudantes frequentavam os locais onde foram edificadas. No caso das esculturas dos leões, o contato se realizava durante as idas ao centro de Fortaleza, e no caso das estátuas de Iracema, ocorriam quando desfrutavam de momentos de sociabilidade e lazer na Beira Mar de Fortaleza.

Importa destacar que a utilização dos monumentos estatuários e bustos como fontes para a problematização dos Objetos de Conhecimento nas aulas de História não é uma novidade. No ano de 2004, as professoras Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli, ao realizar sugestões para o trabalho com a história local já destacavam, que “o trabalho com o patrimônio no ensino da História poderá ser desenvolvido com base no estudo dos edifícios históricos, dos monumentos ou da estatuária e da toponímia” (SCHIMIDT; CAINELLI, 2004, p. 115), e dentre os aspectos a serem analisados a partir dos monumentos e/ou estatuária, destacam-se:

Personagens ou fatos representados no monumento (biografia e descrições); tipo de monumento, características materiais e simbólicas; localização, data, nome do criador, razões da construção. Relação do monumento com a história local, nacional, universal. (SCHIMIDT, CAINELLI 2004, P. 115)

Diante do exposto, cabe ainda mencionar a possibilidade de análise das memórias que o monumento silencia. Quais grupos sociais foram excluídos da narrativa proposta para o monumento? A pesquisa dos discursos produzidos a respeito do movimento de derrubada e intervenções realizadas nos monumentos ocorridos em 2020 apresenta a questão do apagamento da memória das minorias dos espaços públicos por meio da celebração da memória da elite econômica, política, militar, intelectual e eclesiástica na estatuária pública.

Em publicação mais recente a respeito da utilização dos monumentos estatuários como fontes para o ensino de História, do ano de 2019, Lucília Santos destaca que,

Tratam-se também de marcos e vestígios do passado de outros grupos, que têm força para qualificar a vida do cidadão, além de suas próprias referências culturais. Para os que ensinam história, é primordial a ideia de que o passado dos outros também pode ter significado e pode



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

qualificar a vida de quem estuda o que está distante no tempo e no espaço. Sabemos que não são os conteúdos selecionados que determinam o sucesso da aprendizagem; trata-se muito mais da maneira como são manejados e das questões que se colocam para o estudo de um tema ou de um período histórico. (SIQUEIRA, 2019, p.308)

Entretanto, é importante destacar que a realização de aulas de campo que utilizem os monumentos estatuários como fontes para o ensino de História não é tão simples, já que necessita de planejamento prévio e de recursos materiais que muitas vezes não estão à disposição dos professores, nesse sentido, refiro-me principalmente à disponibilidade de transporte para a realização das aulas de campo.

Nas vezes em que solicitei o transporte me deparei com um processo extremamente burocrático, que consistia na elaboração de um projeto da aula de campo, anexado com os comunicados de autorização dos pais. Estes documentos deveriam ser protocolados na Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza (SEFOR) e após a análise do processo, a escola era informada a respeito do deferimento ou indeferimento da solicitação. Cabe destacar que entre os anos de 2013 e 2020 não consegui veículos para a realização das aulas de campo. É bem verdade que após a negação dos primeiros pedidos, desisti de realizar novas solicitações. Nesse sentido, as negativas de transporte, a rotina escolar e as demandas que envolviam os projetos e eventos da escola deixaram a realização das aulas de campo para momentos futuros, que infelizmente não chegaram. Cabe apontar ainda um segundo grande entrave para a realização das aulas de campo, sendo este a dificuldade, por parte da rede estadual de ensino e também por parte de algumas escolas, da liberação dos professores para a realização de visitas, pesquisas e do planejamento das aulas nos vários espaços de memória erigidos na cidade.

Podemos nos questionar se as inovações tecnológicas não nos permitiriam a realização das aulas por meio dos recursos digitais. Entretanto, uma leitura indiciária dos aspectos constitutivos do monumento e do entorno que o abriga como fonte para o ensino de História necessita do olhar acurado e atento para todos os elementos que compõem. Ainda assim, na impossibilidade de um contato direto com o monumento investigado é possível a análise das imagens reproduzidas do monumento e do seu



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

entorno, além dos documentos referentes à sua criação por meio dos recursos tecnológicos.

Podemos perceber um exemplo importante deste tipo de análise das estátuas e bustos dispostos na cidade durante a pandemia, com o movimento de derrubada das estátuas no Brasil e em outras cidades ao redor do mundo. Quando imagens dos monumentos e textos analisando suas histórias e a memória a qual representam foram reproduzidas na mídia impressa, digital e audiovisual, sendo acessadas por meio de uma pesquisa rápida na internet.

Os eventos geraram debates e outros documentos a respeito da estatuária pública foram sendo produzidos, tais como artigos, charges e tirinhas. Estes documentos são de extrema relevância para esta pesquisa pois abordam o tema a partir das demandas do tempo presente. Alguns exemplos destas novas fontes iconográficas podem ser encontrados em uma pesquisa rápida no Google com o tema: charges de estátuas. Dentre estes, um bom exemplo dessas fontes foi publicado no site da Fundação Clóvis Salgado, no artigo intitulado: O que fazer com as estátuas de Bandeirantes?, de autoria do Professor Alexandre Ventura. A charge apresenta uma maneira de realizar releituras das estátuas por meio de intervenções com cartazes problematizando a memória celebrada no monumento. Segundo o texto, a charge foi publicada no Facebook no ano de 2020 e sua autoria é desconhecida. Uma análise dessa fonte nos permite perceber uma das formas de ressignificação utilizada para problematizar as memórias traumáticas celebradas em estátuas e bustos.

Figura 01 - Charge problematizando a estátua do bandeirante Borba Gato.



Fonte: Site da Fundação Clóvis Salgado. Autor desconhecido.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

No artigo o autor destaca que a charge apresenta uma releitura da estátua como uma possibilidade de ressignificação, todavia, realiza dois questionamentos acerca da proposta, sendo eles: qual ressignificação? E qual intervenção? Cabe aqui tecer pequenas considerações sobre as perguntas. Em uma análise rápida da imagem é possível inferir que a proposta do chargista é apresentar ao público uma forma de ressignificar o monumento por meio da problematização da memória dos bandeirantes. Nesse sentido, a intervenção por meio da inserção de um cartaz propõe apresentar aos observadores do monumento uma outra versão da história acerca dos bandeirantes, ou seja, a divulgação dos diversos crimes por eles cometidos durante as expedições em busca das riquezas no interior do Brasil. Diante do exposto, ressaltamos a importância destas fontes para a problematização da memória celebrada nos monumentos e dos objetos de conhecimento.

Diante do interesse dos alunos na grande repercussão do movimento de derrubada das estátuas durante a pandemia, que se deu por meio da relevante midiatização na imprensa televisiva, em jornais, revistas, blogs e demais redes sociais e dos debates a favor ou contra o movimento iconoclasta, iniciei o esboço de uma proposta de trabalho com os monumentos estatuários para ser aplicada no segundo semestre do ano letivo de 2021, ou logo que o retorno presencial fosse possível. Entretanto, foi possível realizar apenas a aplicação de um questionário de sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos sobre Memória e Patrimônio Cultural, disponibilizado no Google Sala de Aula para as turmas de 3º Ano da EEEP Paulo VI. Cada turma era composta por uma média de 40 alunos, perfazendo um total de 160 estudantes. Todavia, desse total, 56 alunos não realizaram a atividade, pois foram registradas na plataforma 105 respostas ao questionário, tendo um aluno enviado dois formulários de resposta.

Para uma sondagem mais abrangente a respeito do conhecimento dos alunos acerca do tema, buscamos criar um formulário que contemplasse vários aspectos sobre o assunto, nesse sentido, podemos citar algumas perguntas: O que você entende por memória (individual e coletiva)?; O que você entende por Patrimônio Cultural?; Você conhece algum Patrimônio Cultural brasileiro? Se sim, qual ou quais? Onde ficam?; Você conhece algum Patrimônio Cultural Cearense? Se sim, qual ou quais? Onde



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

ficam?; Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, responda: Você conhece o personagem ou evento que é celebrado a partir dessa memória? Você o considera importante? Por que?; Você tem conhecimento de alguma estátua disposta nas praças de seu bairro? Qual ou quais? Onde ficam?; Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, responda: Você conhece o personagem ou evento que é celebrado a partir dessa memória? Você o considera importante? Por que?; Você se sente representado na cultura estatuária de sua cidade ou de seu bairro? Justifique sua resposta; Quais classes sociais você considera que estão representadas nas estátuas da sua cidade?; Quais povos ou etnias você considera que são exaltados nessa memória estatuária?; Você considera que os monumentos estatuários podem contribuir para a aquisição do conhecimento Histórico? Justifique: Como? Por que?; Qual memória você acha que a cultura estatuária de sua cidade celebra?; Você considera importante preservar essa memória para as próximas gerações? Por que?; Você substituiria as pessoas homenageadas nas estátuas de sua cidade? Por que?; Caso sua resposta anterior tenha sido afirmativa, responda: Quem você considera que mereceria ser homenageado em um monumento estatuário? Por que?

As respostas dos alunos a estas perguntas me permitiram perceber que a cultura estatuária de Fortaleza não era totalmente desconhecida pelos estudantes, e para tanto, concentrei minha análise em três perguntas, sendo a primeira delas a que se refere ao conhecimento acerca da existência dos monumentos estatuários da cidade. A partir deste questionamento, pude concluir que uma grande parcela dos alunos foi capaz de citar alguma estátua ou busto erigido nos espaços públicos da cidade e dentre estes monumentos foram citadas a estátua do General Tibúrcio, da escritora Raquel de Queiroz e as estátuas dos leões, na Praça General Tibúrcio, as estátuas de Iracema na Beira Mar e na Lagoa da Messejana, a estátua de Nossa Senhora de Fátima, na Praça Nossa Senhora de Fátima, as estátuas do Dragão do Mar e do Patativa do Assaré, no Centro Dragão do Mar, a estátua de Dom Pedro II, na Praça Caio Prado, a estátua de José de Alencar, na Praça José de Alencar, a estátua do Cristo Redentor ou Cristo Rei, na Praça Cristo Redentor, a estátua de Clóvis Beviláqua, na Praça Clóvis Beviláqua, o monumento ao Vaqueiro, na Praça Brigadeiro Eduardo Gomes, o busto do Papa João XXIII, na Praça João XXIII e o busto de Frei Galvão, na Praça Frei Galvão.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

Entretanto, a grande maioria não foi capaz de responder sobre a memória celebrada a partir dos monumentos citados. E ainda assim, quando questionados a respeito da intenção de substituição destes monumentos, a grande maioria afirmou que não substituiria as estátuas dispostas nos espaços públicos da cidade, pois segundo estes, se aqueles personagens foram escolhidos para tal homenagem merecem permanecer no lugar onde foram erigidos. Outros afirmaram não saber opinar e um aluno mencionou que para ele “tanto fazia”.

Apenas três alunos mencionaram que talvez substituiriam algumas estátuas e segundo um deles, estas deveriam ser substituídas pois, “algumas estátuas são de pessoas que foram carrascas no passado, mas que por sua forte influência política e social eram idolatradas aos olhos da população que era refém de tal situação”. Para estes alunos a substituição deveria ocorrer, pois alguns sujeitos homenageados nas estátuas no passado não eram mais considerados dignos de tal honraria, e dentre estes podemos citar, representantes dos setores escravistas ou ligados a crimes como genocídios e membros de regimes ditatoriais que praticaram torturas e assassinatos.

Entretanto, quando questionados a respeito de quais personalidades seriam merecedoras de tal homenagem, alguns alunos mencionaram que mesmo não substituindo as estátuas já dispostas nos espaços públicos, acrescentariam algumas, e dentre os lembrados, foram citados representantes das artes nacionais e regionais, tais como uma homenagem a Luís Gonzaga, que segundo o aluno é o “rei do forró”; além de estátuas para Chico Anísio, escritores e cantores cearenses e “cantores da MPB que lutaram através de suas músicas, ‘burlando’ a censura”.

Também foram citadas personalidades importantes para a história cearense, tais como a Preta Tia Simoa, importante liderança feminina negra na greve dos jangadeiros no Ceará; Dandara Santos, a travesti que foi brutalmente espancada e assassinada no Bairro Bom Jardim, em Fortaleza em 2017, sendo esta “uma homenagem a todos do grupo LGBT”. Maria da Penha, “pela sua trajetória de vida e de sua luta pelos direitos das mulheres”. E por fim, também mereceu destaque o Bode Iôião, caprino que foi eleito vereador de Fortaleza, no ano de 1922, como forma de protesto da população contra a política regional. Quanto às personalidades nacionais, foram citadas a Socióloga e



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

política Marielle Franco, assassinada em 2018 no Rio de Janeiro por milicianos e o líder quilombola Zumbi dos Palmares.

Também foi destacada por alguns alunos a necessidade de celebrar as memórias dos “povos que são inferiorizados”, tais como afrodescendentes, indígenas e o “povo do interior”, por serem “batalhadores e guerreiros”, além de “pessoas que representem movimentos sociais”, “policiais que perderam a vida durante ações”, “soldados que perderam suas vidas em guerras” e pessoas consideradas santas, como Madre Tereza de Calcutá.

É diante deste contexto que ressaltamos a importância da utilização dos monumentos estatuários, patrimonializados ou não, como fontes para o ensino dos objetos de conhecimento de História. É importante que os alunos possam analisar esse patrimônio como fruto de seu tempo e perceber que estes podem ser apropriados ou não pelos sujeitos do tempo presente, gerando significados e promovendo a sua preservação, o seu abandono ou destruição.

Diante do exposto, cabe destacar que o papel do professor neste processo é fornecer os recursos materiais necessários para que os alunos possam problematizar e analisar a memória celebrada nos monumentos, além de mediar as discussões e avaliar o desenvolvimento da aprendizagem histórica dos educandos.

## **Referências**

FREEDBERG, David. O medo da arte: como a censura se torna iconoclastia. **Revista Concinnitas**. Rio de Janeiro, v.22, n.42, Setembro de 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/63190/40864>.

SANTIAGO JR., Francisco das C. F. **As metáforas da arte, da história e da iconoclastia: monumentos e debates na imprensa brasileira em 2020**. In: KAMINSKI, Rosane; NAPOLITANO, Marcos. Monumentos, memória e violência. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2022.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

SIQUEIRA, Lucília Santos. **Educação Patrimonial e Ensino de História nas áreas metropolitanas: reflexões baseadas na formação de professores de História em Guarulhos (SP)**. Revista História Hoje, v. 8, nº 15, p. 302-325 – 2019.